

Sonetos





LUÍS DE CAMÕES

Sonetos

Antologia comentada

Organização, apresentação,
comentários críticos e notas de

**Sérgio Luís Fischer e
Luís Augusto Fischer**

© Sérgio Luís Fischer, 2004

gerente editorial Claudia Morales

editor Fabricio Waltrick

editor assistente Emílio Satoshi Hamaya

diagramadora Thatiana Kalas

coordenação editorial Todotipo Editorial

revisão Lívio Lima de Oliveira

projeto gráfico Fabricio Waltrick e Luiz Henrique Dominguez

coordenadora de arte Soraia Scarpa

editoração eletrônica Luiz Henrique Dominguez

imagem da capa True Rouge, 1997, obra de Tunga

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS - RJ

C192s

2.ed.

Camões, Luís de, 1525?-1580

Sonetos : antologia comentada / Luís de Camões ; organização, apresentação, comentários críticos e notas: Sérgio Luís Fischer e Luís Augusto Fischer. - 2.ed. - São Paulo : Ática, 2012.

144p. - (Bom Livro)

ISBN 978 85 08 15411-1

1. Antologia (Poesia portuguesa). I. Fischer, Sérgio Luís. II. Fischer, Luís Augusto. III. Título. IV. Série.

09-0881.

CDD 869.1

CDU 821.134.3-1

ISBN 978 85 08 15411-1 (aluno)

CL: 737831

CAE: 268244

2019

2ª edição

5ª impressão

Impressão e acabamento:

Todos os direitos reservados pela Editora Ática S.A.

Avenida das Nações Unidas, 7221

Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05425-902

Atendimento ao cliente: (0xx11) 4003-3061

www.coletivoleitor.com.br

atendimento@aticascipione.com.br

IMPORTANTE: Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e o de muitos outros profissionais envolvidos na produção editorial e na comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros. Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



Sumário

Um clássico da nossa língua 9

Nota sobre o texto 23

- [A fermosura desta fresca serra] 27
- [Ah, minha Dinamene, assi deixaste] 29
- [Alegres campos, verdes arvoredos] 31
- [Alma minha gentil, que te partiste] 33
- [Amor, com a esperança já perdida] 35
- [Amor é fogo que arde sem se ver] 37
- [Amor, que o gesto humano n'alma escreve] 39
- [Apolo e as nove Musas, discantando] 41
- [Aquela triste e leda madrugada] 43
- [Aqueles claros olhos que chorando] 45
- [Busque Amor novas artes, novo engenho] 47
- [Cá nesta Babilônia, donde mana] 49
- [Correm turvas as águas deste rio] 51
- [De um tão felice engenho, produzido] 53
- [De vós me aparto, ó vida! Em tal mudança] 55
- [Ditoso seja aquele que somente] 57
- [Doces e claras águas do Mondego] 59
- [Doces lembranças da passada glória] 61
- [Em prisões baixas fui um tempo atado] 63
- [En una selva al despuntar del día] 65
- [Enquanto quis Fortuna que tivesse] 67
- [Erros meus, má fortuna, amor ardente] 69
- [Está o lascivo e doce passarinho] 71

[Eu cantarei de amor tão docemente]	73
[Julga-me a gente toda por perdido]	75
[Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades]	77
[No mundo, poucos anos e cansados]	79
[No mundo quis o Tempo que se achasse]	81
[No tempo que de Amor viver soía]	83
[O céu, a terra, o vento sossegado]	85
[O cisne, quando sente ser chegada]	87
[O dia em que nasci moura e pereça]	89
[O tempo acaba o ano, o mês e a hora]	91
[Oh, como se me alonga, de ano em ano]	93
[Os vestidos Elisa revolvía]	95
[Pede o desejo, Dama, que vos veja]	97
[Posto me tem fortuna em tal estado]	99
[Quando a suprema dor muito me aperta]	101
[Quando da bela vista e doce riso]	103
[Quando de minhas mágoas a comprida]	105
[Quando o Sol encoberto vai mostrando]	107
[— Que levas, cruel Morte? — Um claro dia]	109
[Que me quereis, perpétuas saudades?]	111
[Que poderei do mundo já querer]	113
[Quem diz que Amor é falso ou enganoso]	115
[Quem vê, Senhora, claro e manifesto]	117
[Se as penas com que Amor tão mal me trata]	119
[Se, depois de esperança tão perdida]	121
[Sete anos de pastor Jacó servia]	123
[Tanto de meu estado me acho incerto]	125
[Todo o animal da calma repousava]	127
[Transforma-se o amador na cousa amada]	129
[Um mover de olhos, brando e piedoso]	131
[Vencido está de Amor meu pensamento]	133
[Vós, Ninfas da gangética espessura]	135

Indicações de leitura 137

Resumo biográfico 139

Obras do autor 141

Obra da capa 143





UM CLÁSSICO DA NOSSA LÍNGUA

Sérgio Luís Fischer e Luís Augusto Fischer

Falecido em 2007, Sérgio Luís Fischer cursou o mestrado na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), foi professor e diretor do curso Anglo Vestibulares da capital gaúcha. Luís Augusto Fischer é doutor em letras pela UFRGS, onde leciona literatura brasileira.

Uma vida aventureira

Todos sabem que Camões é um dos grandes nomes da literatura universal e um dos maiores poetas da língua portuguesa, mas pouco há de dados objetivos e comprovados sobre quem foi de fato o homem Luís Vaz de Camões. Consagrado como grande poeta, lembrado como autor de *Os lusíadas*, transformado em uma espécie de herói nacional português pelo romantismo no século XIX, e ainda hoje (e para sempre) visto como uma referência fundamental de nossa língua, Camões deixou de ser apenas um poeta renascentista para transformar-se numa espécie de mito, numa imagem que supera em muito qualquer biografia humana possível. E essa situação se deve, evidentemente, à qualidade e à importância de sua obra, mas também à escassez de informações fideis sobre sua existência real. Dessa forma, o Camões real é ultrapassado pelo poeta e pelo mito e dificulta uma aproximação objetiva de sua vida.

Mas, apesar disso, algo se pode dizer sobre ele. Sabe-se que Camões nasceu provavelmente em Lisboa, por volta de 1525, um pouco antes de o poeta Francisco Sá de Miranda (1481-1558) publicar sua obra *Estrangeiros* (1527) e com ela marcar o início do Renascimento português. Sobre sua família, também se sabe muito pouco. Consta que era filho de Simão Vaz de Camões e de Ana de Sá Macedo e que seria descendente de uma família de alguma tradição na corte portuguesa, embora sem muitas posses. Pelo lado

Na página oposta, Camões retratado pelo pintor neoclássico francês François Gérard (1779-1837).

paterno, teria um ancestral trovador, um artista da palavra; pelo lado materno, seria parente, ainda que remoto, de Vasco da Gama.



Coimbra no século XVI e as águas do Mondego, que banham a cidade e inspiraram o poeta.

Segundo alguns, Camões estudou em Coimbra, ou ao menos viveu naquela cidade, que era o grande centro cultural português, o que explicaria sua erudição e daria um sentido biográfico ao soneto “Doces e claras águas do Mondego” (ver p. 59 desta coletânea), em referência ao rio que banha aquela conhecida cidade portuguesa, de que o eu poético se despede:

Doces e claras águas do Mondego,
doce repouso de minha lembrança,
onde a comprida e pérfida esperança
longo tempo após si me trouxe cego:

de vós me aparto; mas, porém, não nego
que inda a memória longa, que me alcança,
me não deixa de vós fazer mudança;
mas quanto mais me alongo, mais me achego.

Bem pudera Fortuna este instrumento
d’alma levar por terra nova e estranha,
oferecido ao mar remoto e vento;

mas alma, que de cá vos acompanha,
nas asas do ligeiro pensamento,
para vós, águas, voa, e em vós se banha.

Além disso, o poeta teria tido algum destaque nos salões reais, ao longo da vida, por causa de seus poemas e de seus casos amorosos, que iam da mais alta nobreza até a criação dos palácios. Depoimentos dignos de fé registram que o jovem Luís teria tido vida desregrada, numa espécie de boemia a que não faltavam companhias de arruaceiros e de mulheres “da vida”. Talvez por isso nunca tenha sido totalmente aceito nos círculos mais sofisticados da época, aceitação que, se tivesse acontecido, lhe teria rendido por exemplo um casamento confortável ou, quando menos, a proteção de um nobre, que lhe proporcionasse alguma renda considerável. Mas seu temperamento ao que tudo indica apaixonado, mais sua condição social de fidalgo pobre e sem proteção de algum grande, é que o levou à carreira das armas, e não à das letras oficialmente prestigiadas. Mesmo assim, sabe-se que fez força para frequentar a corte, em Lisboa, onde viveu por alguns anos, já que, mesmo sem dinheiro, tinha nobreza; parece ter praticado poesia amorosa na tentativa de conquistar uma moça da mais alta posição.

Sabe-se que em 1549 embarcou com o exército português para Ceuta (norte da África), onde, numa batalha, perdeu o olho direito num ferimento feito por arma pontiaguda, fato que está registrado nas imagens feitas do poeta, sempre sem esse olho, e até mesmo em poemas, como neste que aqui vai reproduzido, conhecido como “Cara-sem-olhos”, dedicado a uma dama que assim o teria chamado:



Guerreiro e poeta, Camões manejava a espada e a pena com grande destreza. O artista português Júlio Pomar o retratou assim nesse painel de azulejos de 1988.

Sem olhos vi o mal claro
que dos olhos se seguiu,
pois cara-sem-olhos viu
olhos que lhe custam caro.
De olhos não faço menção,
pois quereis que olhos não sejam;
vendo-vos, olhos sobejam,
não vos vendo, olhos não são.

Em 1550, alista-se para ir à Índia, onde o império português estava consolidando sua presença. Mas não chegou a embarcar. Em 1552, Camões envolveu-se em uma briga



Camões na Cadeia do Tronco, em Lisboa, onde ficou preso por quase um ano.

com Gonçalo Borges, responsável pelas cavaliarias do rei, e lhe feriu o pescoço com a espada. Para piorar, isso ocorreu num dia de procissão de Corpus Christi, uma das datas mais relevantes do cristianismo, circunstância que parece ter agravado sua pena. Preso por esse fato, só foi libertado porque recebeu o perdão do agredido, porque se comprometeu a ir servir o império na Índia e porque, com a ajuda de alguns amigos, pagou a fiança de quatro mil réis.

No ano seguinte, de fato Camões embarcou para o Oriente, percorrendo praticamente a mesma rota que havia sido feita por Vasco da Gama entre 1497 e 1499, quando descobrira o caminho

para as Índias. Nessa viagem, o poeta reuniu os elementos fundamentais para a composição de sua maior obra, *Os lusíadas*, publicada em 1572. É um magnífico poema de sopro épico que, como dizem muitos críticos, traz a força da experiência vivida, sobre a qual trabalharam a imaginação e o talento técnico do poeta — ou, como lemos logo na abertura do Canto Primeiro, trabalharam “engenho e arte”.

Nos cerca de 16 anos que passou no Oriente, Camões, além de escrever *Os lusíadas*, desempenhou alguns cargos ligados ao império, como o de Provedor de Defuntos e Ausentes em Macau. Foi várias vezes preso por dívidas de jogo e brigas, sendo muitas vezes libertado por seus amigos, entre os quais estavam Diogo do Couto e Pero de Magalhães Gândavo, autor de um famoso tratado sobre o Brasil. Sobreviveu a pelo menos um naufrágio, na foz do rio Mekong, no atual Camboja, e viveu, ao que tudo indica, a grande paixão de sua vida, imortalizada na figura mítica de Dinamene, presença constante em seus poemas de amor. Essa mulher, provavelmente uma chinesa cujo nome real não é conhecido, morreu nesse mesmo naufrágio e, a partir desse fato, passou a ser identificada como uma das ninfas oceânicas clássicas. Daí seu nome poético, Dinamene.

Graças à ajuda de seus amigos, Camões volta a Portugal em 1569. É quando dá forma final a *Os lusíadas*, por cuja publicação é agraciado com uma espécie de pensão anual de 15 mil réis, modesta quantia prometida pelo rei Dom Sebastião (1557-1578) e que o poeta recebe de modo irregular. Além disso, a pensão era considerada baixa em comparação com as que eram concedidas a outros intelectuais da época e mesmo a familiares de algum ilustre (o filho do cronista João de Barros, historiador oficial de Portugal, recebia dez vezes esse valor). Acaba morrendo na miséria em 10 de junho de 1580. Seu enterro precisou contar com o custeio de uma instituição de caridade.

Uma obra maior que a vida

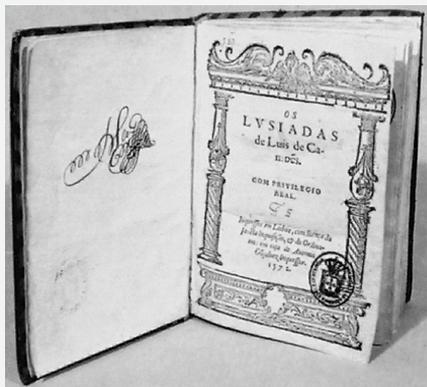
Se a biografia de Camões é escassa, o mesmo não se pode dizer de sua obra, que é extensa e variada, mas não menos controversa. Durante sua vida, Camões pu-



No selo comemorativo dos 400 anos de seu nascimento, nadando só com um braço, Camões salva do naufrágio no rio Mekong os manuscritos de *Os lusíadas*.

blicou apenas *Os lusíadas*, em 1572, dois poemas em homenagem a Dom Leonis Pereira — um dos quais selecionado para esta antologia, aquele que principia com o famoso verso “Vós, Ninfas da gangética espessura” —, que integram a *História da Província de Santa Cruz, a que vulgarmente chamamos Brasil*, de Pero de Magalhães Gândavo, de 1576, e sabe-se de uma ode que teria sido publicada, em 1563, em uma obra de Garcia d’Orta. Além disso, o próprio Camões afirmava ter preparado um livro chamado *Parnaso* (o que é confirmado por um contemporâneo e amigo, Diogo do Couto, que o encontrou certa vez trabalhando no livro, em Moçambique, numa parada da longa viagem de retorno a Portugal), provavelmente uma reunião de tudo que escrevera e que o autor considerava digno de figurar em uma coletânea, livro que, numa versão, lhe teria sido roubado em sua estada no Oriente, ou que teria apenas sido extraviado. De resto, seus textos ficaram espalhados por onde passou, o que dificulta o estabelecimento definitivo da extensão de sua obra.

Os lusíadas



Frontispício da primeira edição de *Os lusíadas*, por muitos considerada a primeira obra da literatura em língua portuguesa.

Os lusíadas (1572) é considerado a grande obra épica da língua portuguesa, comparável à *Ilíada* e à *Odisseia* gregas e à *Eneida* latina. Nessa obra, Camões reconstrói, numa perspectiva heroica, típica das epopeias, toda a história de Portugal, tomando por base a viagem feita por Vasco da Gama no final do século XV, rumo às Índias. Dividida em dez cantos, a obra estabelece um passado mítico para Portugal e acaba por definir uma espécie de identidade nacional portuguesa, que até hoje é sentida e valorizada na cultura lusitana. Por ser considerada a primeira grande obra da língua portuguesa tornou-se a base